

A BATALHA

Suplemento semanal — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA —

Editor: Alberto Dias

Administrador: Domingos Afonso Ribeiro

Propriedade da COMISSÃO INTER-FEDERAL

Sede provisória:

Calçada Castelo Branco Saraiva, 42

Officinas: Rua da Atalaia, 114

Toda a correspondência para o APARTADO

N.º 329 — Lisboa

Número avulso \$30

(AVENÇADO)

Horário de trabalho

Não é novidade para ninguém o desrespeito pela actual jornada de trabalho. Em todo o país, mesmo em Lisboa e Porto, esse horário não é cumprido, com manifesto prejuízo dos trabalhadores, que, assim, veem reduzidas as suas possibilidades de encontrar trabalho, quando a crise os lança no desesperante e contínuo mal-estar, resultante da falta de trabalho.

Há indústrias onde esse desrespeito atinge o cúmulo. Por exemplo, nas fábricas de tecidos do Norte, como nas da Beira, os operários são obrigados a um labor de 10, 12 e mais horas. Ainda não há muito, numa conferência de operários, realizada pelas Associações de Classe da Beira, esse problema foi tratado, tendo-se, em seguida, diligenciado no sentido de conseguir o cumprimento do horário de 8 horas. Pois ainda o não conseguiram.

E até — é curioso acentuá-lo — uma comissão de operários de Castanheira de Pera, que a Lisboa veio para tratar do assunto, foi vítima das perseguições dos industriais daquela localidade, que não querem, nas suas fábricas, tal horário. E isto, apesar de uma lei do país, obrigar todos a essa jornada.

Ainda na indústria têxtil. O não cumprimento da actual jornada de trabalho acarreta grandes prejuízos. Nuns lados é o horário cumprido, noutros não. Daqui resulta uma diferença de preços e de produção, que, necessariamente, prejudica os operários na indústria ocupados.

Vejamos o que diz, a esse respeito, uma representação dos industriais do Porto:

«Na hora incerta que a indústria algodoeira atravessa, sem colocação para toda a sua produção e com um largo capital circulante imobilizado, pensam os industriais que entre as medidas mais urgentes que devem ser tomadas, para evitar maiores males, está, em primeiro lugar, a regularização do trabalho dentro das suas oficinas, de forma a estabelecer o equilíbrio entre a produção e consumo o que em parte conseguiria, cumprindo-se rigorosamente a Lei.

«Torna-se, portanto, indispensável que os industriais a quem até agora tem sido consentida a laboração das suas fábricas além das horas que a Lei determina e regula, sejam obrigados a cumprirem o horário legal como é cumprido dentro das outras fábricas.

«O regimen de privilégio ou de favor que algumas fábricas de Guimarães, Santo Tirso e Famalicão desfrutam, além de causar a maior perturbação na vida da indústria, concorre para uma injusta aplicação do imposto, e influe sobremaneira no custo da produção, dando margem a que esses industriais exerçam um comércio desleal desorganizando o mercado e fazendo desviar em seu favor toda a procura.

«Poderá argumentar-se que, desinteressando-se o Governo de fazer cumprir o horário do trabalho, todos os outros industriais, aproveitando essa falta de zelo, poderiam também trabalhar as horas que quizessem.

«Mas como dar escoamento aos muitos milhares de metros a mais, que, nesse caso as fábricas produziram? Onde estão nessa hora, os consumidores com bastante poder de compra?»

«Os representantes da indústria portuguesa algodoeira iniciaram os seus trabalhos para conseguirem atenuar a crise, que a todos envolve e lentamente arruína. Mas, para que dos seus esforços resulte qualquer coisa de profícuo, é forçoso acabar primeiro com um regimen de favoritismo dentro da mesma classe e colocar todos os industriais do país no mesmo perfeito pé de igualdade pelo que diz respeito à lei que regula na indústria algodoeira o horário de trabalho.»

Quanto a nós o problema não pode ser sofismado. Os industriais reclamam porque veem a crise a invadir-lhe os domínios. Se assim não fosse não andariam tão apressados, a pedir o cumprimento duma lei que, sempre que podem, desrespeitam.

Também não temos a sua opinião, quanto à solução da crise pelo cumprimento do horário de 8 horas. É verdade que a atenua. Mas daí a um debelamento geral, vai uma certa distância. E, por isso, pensamos que os trabalhadores ao exigirem o cumprimento das 8 horas, se devem preparar para a conquista das 6 horas, única forma de dar vazão aos produtos, pelo aumento da capacidade de compra, resultante do maior número de trabalhadores ocupados. É claro que isso, ainda, exigiria um aumento de salários, senão a sua uniformização no país.

DE CASTANHEIRA DE PERA

O que se passa nesta vila

Esteve nesta localidade um delegado de Lisboa, que aqui veio tratar de assuntos referentes ao horário de trabalho e despedimento de operários, por não se prestarem a trabalhar mais que 8 horas como a lei determina.

Deveria realizar-se uma sessão que se não pôde efectuar, por ter sido proibida pela autoridade administrativa. No dia seguinte ao da partida desse delegado, foi entregue à autoridade administrativa uma desenvolvida exposição, na qual se reclamava o cumprimento da lei 5.516 e decreto n.º 10.782 de 21 de Maio de 1925, afim de obstar, a que a crise do desemprego mais se avolumasse na vila, obrigando os operários a procurar trabalho longe da sua terra para assim poderem auferir os meios de subsistência para si, e para os seus não morrerem de fome.

Um dia depois da exposição ser entregue, foi convidado a comparecer na presença do sr. administrador do concelho, o presidente da associação a quem esta autoridade impôs para que no prazo de 48 horas lhe fosse entregue uma lista dos operários sem trabalho, existentes em Castanheira, prazo este relativamente curto para elaboração da lista, pois que esta só podia ser elaborada depois da largada do trabalho, porquanto o camarada que de tal foi incumbido, tinha necessidade de trabalhar durante o dia no seu mister, para suprir os encargos do custo da vida.

Terminado o prazo que lhe foi dado, apresentou na administração do concelho, uma lista contendo os nomes de 38 camaradas sem colocação, pois não lhe foi possível conseguir mais devido à escassez do tempo que lhe foi dado.

Nesta ocasião o sr. administrador começou cortando nomes da lista apresentada, dizendo que os nomes que cortava, se não trabalhavam era porque não queriam, querendo assim mostrar que na vila não existe crise de trabalho, quando ela existe.

CRÓNICA

Como se invertem posições tomadas

Como todos sabem, no movimento operário, os acontecimentos rodam movidos por forças que se escondem umas, que se mostram, outras. E isso por as suas características actuais permitem que esteja entregue ao sabor de caprichos dos militantes e das manobras mais ou menos habéis que se desenvolvem no seio desse mesmo movimento, acobertadas pela hipocrisia desses, que se imiscuem, e dos outros, que estando nele integrados, só dão pelos manejos, quando a sua boa fé é ferida pelo couce da oposição, surgida, de súbito, para o desprevenido.

É claro que perante uma tal situação a defesa, melhor, a resistência à invasão do vírus corruptor, está, inteiramente, justificada. Essa resistência existe. É necessário que se torne mais forte, sem sair daqueles limites de honestidade e de dignidade, que devem caracterizar toda a nossa actividade.

Ora tudo isto é naturalíssimo, embora não tenham a mesma opinião os que desejariam — assim parece — que a eles abandonássemos o campo. E, por isso, lançam morteiros avisando que estão sendo atacados.

Não deixa de ser curioso esse facto, verificado mais duma vez, nas circunstâncias mais diferentes.

Já na antiguidade — e vem muito a propósito — em determinada cidade os senhores eram brutais na expressão dos escravos. Estes eram vergastados pelo mais injurioso descuido e eram motivo de espectáculos bárbaros, onde os senhores se entregavam aos prazeres mais brutais, ao goso mais desenfreado com as encantadoras, mas jelinas, mulheres que os acompanhavam — seguras de sangue e de prazer — nesses espectáculos brutais.

Entre os escravos apareceu um, porém, elegante na sua força hercúlea e na sua inteligência impetuosa — a ele se entregaram tantas mulheres, das mais elegantes, formosas e nobres, — que não compreendia como homens fortes e constituindo maioria se amachucavam perante caprichos de dementes — como eram, de facto, os senhores de então.

E entre os escravos, esse novo na inteligência e no vigor, espalhou a semente da inconformidade.

Como resultado, os escravos abandonaram, certo dia, a cidade e foram construir uma povoação, onde vivessem felizes, todos trabalhando para o mesmo fim: o bem da comunidade.

O trabalho de erguer as vivendas, de organizar a nova vida, ocupou todas as atenções e ninguém se desviava disso, mesmo que fosse para se demorar na expansão dos afectos.

Mas esse período passou e, como outra energia não houvesse acumulada nos seus espíritos, deram-se à ocupação de discutir uns com os outros, a maneira de se orientarem na defesa, quando os senhores os atacassem, como vinha sucedendo, afinal, desde que tinham abandonado a cidade. Previam um ataque forte e recebiam encontrar-se sem os necessários meios de defesa.

Começou, então, a desdita entre os escravos.

Todos tinham o seu critério, todos pretendiam que ele fosse o mais justo e o mais razoável. E, o que é mais grave, alguns, começaram pensando que deviam impôr o seu a toda a colectividade. As discordâncias surgiram e os debates tornaram-se de tal maneira impetuosos que o insulto sur-

A morte do mineiro



Afirmava, recentemente, um bem jantado: — Os operários são uns felizardos!

UM COMENTÁRIO

Pondo as afirmações no seu lugar

Certos cavalheiros, que não sabem ler, ou são maus e refinados velhacos, quizeram ver contradição no editorial do número sete de A Batalha com as determinações da Central Operária, quanto a horário de trabalho. Chegaram mesmo a assinalar a contradição entre a matéria do editorial e do artigo da página Central.

Essa contradição não existe. A matéria de ambos os artigos defende a redução da jornada de trabalho e está em harmonia com a orientação da Central.

Citaram—talvez para serem fulminantes—uma passagem do editorial. Mas esqueceram-se, lamentavelmente, de acrescentar mais uns parágrafos que completavam a ideia e vinculavam bem o nosso pensamento.

Estas coisas esquecem sempre, quando a obsessão de encontrar *saliências* é mais forte que o desejo de ser útil à causa dos explorados.

Vamos transcrever, na íntegra, a passagem que citaram e a, *lamentavelmente*, esquecida:

«Lá fora, já o deixamos dito, só com uma redução nas horas de trabalho, mantendo os salários à altura em que estiveram. Quanto a nós, parece-nos, que bastará, até ver, o cumprimento rigoroso das 8 horas, e uma elevação de salários que nos permita comer, vestir, calçar e habitar um prédio, já não dizemos confortavelmente, mas ao menos de maneira a não prejudicarmos, como agora acontece, a saúde e a dignidade.

Mas, isso não é bastante. A situação está demasiado agravada e, amanhã, aplicações mecânicas mais aperfeiçoadas, uma metodização racionalizada do trabalho, far-nos-hão cair em situação idêntica à que, presentemente, atravessamos.

E, por isso, o operariado organizado precisa pensar na maneira de pôr em prática medidas que irão atenuar a crise económica. Já se afirmou: a redução da jornada de trabalho, o aumento progressivo dos salários, o controle da produção feita pelos trabalhadores são medidas possíveis e, quando realidade, veremos a nossa situação económica melhorada.

Por isso as apontamos como as únicas capazes de enfrentar a actual situação económica e atenuar-lhe os seus nocivos efeitos sobre o operariado».

Para quem precisar de sinal de alarme, para compreender o que lê, aí fica o itálico.

Tipógrafos desempregados

Para atender, um pouco, à difícil situação material dos tipógrafos sem trabalho, uma comissão vai realizar um espectáculo de solidariedade, devendo esse constituir uma agradável sessão de recreio.

O espectáculo será aberto por uma conferência, seguindo-se-lhe um drama num acto e dois actos de variedades, sendo para estes seleccionados números do maior agrado.

A essa festa—que se realiza em 1 de Dezembro—nenhum trabalhador deve deixar de prestar o seu apoio material e moral.

gia quasi sempre, no meio dessas discussões.

E, a partir de certa noite, quando os mais tolerantes se dirigiam para suas casas, eram surpreendidos às esquinas das ruas por um braço, empunhando uma lâmina de aço. Golpe vibrado... e na lama duma valleta agonizava um homem.

Casos semelhantes davam-se todas as noites, agravando-se a situação e alterando-se o ritmo da vida.

E um dia os do grupo, onde pertenciam as vítimas, reuniram-se e vendo a impossibilidade de continuar indiferentes—as vítimas aumentavam de dia para dia—resolveram iniciar a defesa, desarmando os braços que surgiam de noite, às esquinas, e apontando à colectividade a maldade desses provocadores e nocivos elementos.

E aqui é que surgiu o engraçado.

Apareceu um rôr de indivíduos a gritar que era vítima duma cilada, que era atacado ferozmente. «Vejam como eles são. Desejam exterminar-nos e denunciaram-nos».

E clamaram com tal desespero, com voz tão compungida, que quasi convenciam toda a gente.

De malandrins, de assassinos, iam-se tornando em vítimas.

A história não é preciso juntar mais. São assim, ainda hoje, aqueles que no seio do movimento operário vêm alimentando a discórdia, pretendendo tornar-se de culpados em vítimas.

O. do Carmo

RESPOSTA A UMA CARTA

A Alguem que nos escreve e alude à nossa posição no movimento ideológico

Diz um velho ditado que é inteiramente impossível estar ao mesmo tempo bem com Deus e com o Diabo, ou seja aceitar concomitantemente duas ideias antagónicas, e este aforismo explica-nos facilmente todas as incongruências e contradições da tua carta.

Se considerasses a liberdade um «preconceito» burguês e classificasses todos os libertários de pequenos burgueses ainda teria uma certa lógica o teu arrazoado. Mas reconhecer que o anarquismo é um ideal de «concepções larguíssimas de perfeição humana», e afirmar, ao mesmo tempo, que a acção dos seus adeptos é semelhante à dos sargaços arrastados pela corrente impetuosa dum caudaloso rio, é tudo quanto há de mais ilógico e absurdo.

Não compreendemos como é que se aceitando a primeira concepção, se possa fazer esta última afirmação, visto que admitindo mesmo que existisse esse rio caudaloso—que para ti significa o movimento comunista autoritário— a propaganda dos ideais de «perfeição humana» nunca pederia ter nele apenas a influência dos «sargaços» que aqui e ali estorvam as torrentes.

Não, a sua influência devia ser muito mais intensa, porque, no caso contrário, então, nem valia sequer a pena que perdesse o tempo a escrever a tua longa carta.

Mas além da ilógica, a tua imagem não corresponde à realidade dos fenómenos sociais. É falso que exista uma cruzada activa e absorvente de realização comunista, por todo o mundo. O que existe na verdade é, dum lado, um governo rotulando-se abusivamente com a designação de comunista, e que tem às suas ordens espalhados por toda a parte grupos usando a mesma denominação, simplesmente preocupados com a conquista das cadeiras governamentais e parlamentares à custa dos mais repugnantes conúbios (veja-se os acontecimentos políticos da Alemanha); e, do outro lado, as grandes massas trabalhadoras,—incluindo as da Rússia,—suportando mil agruras e sofrimentos, e ansiosas por melhorarem a sua situação dolorosa, mas nunca desejosas, a não ser por engano, de substituírem os actuais amos por outros igualmente ferozes e opressores.

É possível que estas sejam impelidas a sair do seu marasmo, lançando-se na cruzada activa das realizações humanitárias, e procurando criar com a sua inteligência e coração uma nova ordem social baseada na fraternidade e bem estar geral, mas nunca uma tirania, embora mascarada com o nome do proletariado. E é prevendo esta possibilidade que os partidos da extrema esquerda, e em especial o comunista, desenvolvem a actividade que a ti te cega e te empolga «imponderavelmente», mas com a agudeza que o teu espírito possui, visto que não cristalizaste o teu entendimento e inteligência ao penetrar um pouco a camada superficialíssima da questão social, deves compreender que esta acção é semelhante à dos indivíduos que lateralmente ao leito das torrentes, escavam valas e canais para enfraquecer essas torrentes e desviarem-nas do seu curso natural. No nosso caso, impedirá essa acção que a corrente humana atinja o oceano da sua emancipação, desviando-a para os terrenos palustres da política estatal.

E perante pretensões tão criminosas devemos calar-nos? Não, as vozes dos nossos irmãos russos, apesar dos exílios para o

longínquo Turquestão e para as regiões geladas da Sibéria, não têm enduencido. E os então é que voluntariamente devíamos renunciar a falar? Isso é só próprio de quem se pretende suicidar, e nunca dum doutrinista eterno, que será tanto mais triunfadora quanto mais inteligentemente seja aplicada.

Estava certo que discordasses com a maneira insuficiente com que é desenvolvida a propaganda libertária, tanto mais que entendes do Ideal mais do que aparentemente te convém, mas nesse caso não devias advogar o silêncio, mas sim uma organização metódica de divulgação de conhecimentos, tendentes a despertar nas massas exploradas ideias de solidariedade e fraternidade e anseios de realização duma nova sociedade baseada na liberdade individual e igualdade de direitos. Combatendo, ao mesmo tempo, a propaganda autoritária com o fim de estabelecer um regime de opressão férrea, do modelo bolxevista.

Bem sei que a isto dirás que a hora é do comunismo autoritário, e que portanto tudo quanto se faça em sentido contrário só servirá para irritar a questão. Mas então temos de nos curvar submissos perante as realidades sociais e não reagirmos, em tudo

que nos seja possível? Se todos aceitassem tal critério, nunca a humanidade teria avançado e progredido!

Como se poderiam ter dado todas as grandes transformações sociais através dos tempos, se não tivesse havido indivíduos isolados ou em pequenos grupos que se puzeram em oposição com o meio ambiente, sem quererem saber, se a hora era destes ou daqueles, e se a deles chegaria tarde ou cedo?

Admitimos que a hora seja dos políticos extremistas, mas ela será tanto menos duradoura, portanto menos perniciosa, quanto maior for a propaganda que junto das massas fizermos dos nossos ideais generosos e humanitários.

Também é inegável que a hora que passa é de grande revigoramento das ideias religiosas, porém entendemos que por esse motivo os liberais, livres-pensadores e ateus não devem cruzar os braços e esperar que a onda passe, mas sim trabalhar mais activamente do que nunca. Ora, que se põe em prática no domínio religioso, também se deve fazer no terreno político; e proceder de modo diferente ou é cegueira incompreensível ou então desvio inconsciente!

E por agora temos dito.

XX.

PELOS RURAIS

Realiza-se amanhã a Conferencia Rural

Há já alguns meses que a classe rural, apercebendo-se do mal que lhe causava a falta de organização, vem revigorando os seus sindicatos, apetrechando-se com os meios necessários para fazer valer o seu direito à vida.

De entre todo o proletariado, são, sem dúvida, os rurais os que em mais más condições vivem, sem direitos de espécie alguma e sujeitos sempre às duras contingências da labuta que, com os magríssimos salários que auferem, mal lhe dão para um vegetar miserável.

Classe mais desprezada entre todas, por esta sociedade madrastra que não reconhece aos que trabalham o direito de viver, é também uma daquelas que mais reconhece o valor da organização sindical e, assim, foi das que melhor e mais potente organização possuiu, o que a tornou uma das mais respeitadas. Distinguiu-se, também, pela ideologia que a orientava, que não foi sem dúvida, o factor que menos contribuiu para a sua importância.

De facto, a ideologia libertária, sendo aquela que mais consentânea está com os interesses imediatos e futuros dos trabalhadores, é também a que melhor se ajusta ao carácter franco e líal do operário do campo que é, já por temperamento, já pela vida que tem, terra-à-terra com a Natureza o melhor expoente do ideal comunista-libertário.

No dia 11 reuniu este organismo com a presença de todos os seus membros.

No expediente foram lidos officios de Terugem, Siborro, S. Manços, Aviz e da Comissão Inter-Federal, que foram tomadas na devida consideração e aos quais foi resolvido responder.

Foi também apreciada a comunicação dos delegados desta Comissão à Central sendo resolvido aprovar a sua acção, resolvendo-se mais dar-lhe todo o apoio e força moral para bem se desempenharem da nossa delegacia.

A C. N. ocupou-se largamente dum officio de Pegões, no qual comunica terem rece-

bido uma carta dos comunistas de Beja em cujo documento eles afirmam terem convidado os membros da velha Federação Rural para a sua reunião naquela cidade e onde os comunistas se esforçam por fazerem acreditar estarem de acordo com eles os velhos elementos, afirmando ainda que não são comunistas nem sindicalistas libertários.

Esta comissão, concordando com a atitude dos camaradas de Pegões, protesta o procedimento dos divisionistas da chamada União de Beja e declara mais:

Que não tem ligações nem relações com tais pessoas nem se faz representar em parte alguma com elles;

Afirmar que o que esses indivíduos pretendem é arrastar os trabalhadores rurais, por meio das suas Associações de Classe, para um partido puramente político, mentindo quando afirmam que nem são políticos nem estão a fazer política.

Realiza-se amanhã em Evora uma reunião dos trabalhadores rurais do país, convocada pela sua Comissão Nacional de Estudos e Defesa da Classe Rural. Ela vai marcar, estamos certos, um novo passo no fortalecimento da Organização Operária que, por todo o país desperta para a melhoria das condições morais e materiais dos trabalhadores.

Vários são os problemas de que se vai ocupar a Conferência dos Trabalhadores Rurais.

Recordamos dum parecer a apreciar pela Conferência, as seguintes conclusões:

1.º—Que sejam incluídas, na lei do horário máximo de 8 horas de trabalho, a classe dos trabalhadores rurais e outras que as não tenham.

2.º—Que sejam obrigados todos os proprietários a cultivar todos os terrenos deste continente, segundo a sua capacidade.

Daqui enviamos aos trabalhadores rurais os nossos desejos de que consigam o que justamente reclamam e exortamo-los a continuar no caminho que encetaram, revigorando a sua organização e tendo sempre em vista que a emancipação dos trabalhadores ha-de ser obra dos mesmos trabalhadores.

PELOS CORTICEIROS

Aspectos e considerações sobre a crise corticeira

Dissemos, no artigo anterior, que em muitos países, após a metamorfose que sofreu a indústria corticeira, se iniciou a pretensão de nos mesmos se fabricar a manufatura derivada da cortiça, embora a Portugal e Espanha tivessem que vir buscar a matéria prima.

A estas palavras podemos acrescentar que da pretensão se passou ao domínio da realidade, chegando até alguns desses países a não se limitarem apenas à produção para o consumo nacional, mas até a produzirem para exportar!

Esta realidade é tanto mais simples quanto é certo que Portugal importa muitos produtos manufacturados, cuja matéria prima é a cortiça.

Perguntar agora os ingénios e os bem-intencionados: Como foi possível ser a indústria corticeira, em Portugal, absorvida pelos países estrangeiros, quando tudo indicava o contrário, pelo simplicíssimo facto de ser o país produtor e ter sido ele o seu berço? Eis o que vamos tentar explicar, segundo as observações por nós feitas.

A cortiça é um produto que, devido a reunir predições bons, tais como flexibilidade, insipidez e ser anticepticida, tão bons e raros que até hoje—a despeito das inúmeras experiências feitas para lhe encontrar sucedâneo que lhe rivalize,— não foi possível aos químicos, que da questão se têm ocupado, encontrar competidor sério.

Dai o exagero da sua valorização. Esta situação é agravada pelo facto de apenas alguns países possuírem tão ambicionada matéria prima, entre os quais se encontra a cabeça Portugal, país que mais e melhor cortiça produz.

Portugal é um país cujas indústrias de algum valor estão na completa dependência dos estrangeiros, pois que a maioria dos seus capitais lhe pertencem.

Ora a indústria de que vimos falando encontra-se—talvez mais do que nenhuma no país—nessas condições.

Senão vejamos: *Mondet, Bucknal, Armstrong, Wicander, etc.*, são firmas onde só predomina o capital estrangeiro e constituem os chamados *colossos* da indústria corticeira em Portugal, e... quasi que diremos no mundo!

Todas estas firmas possuem fábricas em diversos países.

Se apreciarmos no campo da simples exportação, verificamos que as firmas com escritórios em Lisboa de maior valor, são igualmente propriedade de estrangeiros.

Por esta leve rezeña se verifica que os porquês dos estrangeiros se preocuparem tanto com a indústria corticeira, e ainda a razão porque a mesma foi absorvida pelos outros países.

No campo da produção de manufatura, são ainda os industriais estrangeiros quem mais produz em Portugal, isto a despeito de possuírem fábricas noutros pontos do mundo.

Eles têm demonstrado, em relação aos industriais portugueses, uma maior inteligência e uma maior noção da realidade das coisas.

Ao grosso do industrialismo corticeiro, como aos homens que nos têm dominado, preocupa tanto o exportar-se a cortiça apenas preparada, como ao lavrador preocupa a exportação dela em estado de *Cristo*. E' que aos homens do negócio da *nossa terra*, apenas interessa o lucro imediato. Nada de incertezas, nada de locubrações de cabeça.

«Comprei hoje por X e devo vender amanhã por Z», eis a mentalidade do nosso industrialismo. Mentalidade obtusa, mentalidade cheia de ignorância, ela justifica, em parte, a dor de cabeça de muitos deles, actualmente, e também, em parte, a miséria dos operários corticeiros. Mas adiante falaremos sobre este assunto.

Será desnecessário dizer que todo este procedimento atesta que o capital é cosmopolita, não reconhecendo *pátria* nem *patriotas*. Estas palavras são muito belas e muito bonitas em dias de eleições, ou com artigos de fé na grande e inconfundível imprensa, que é a orientadora da opinião pública.

Simplesmente, para eles — todos sem excepção—que vivem das mentiras convencionais e da ignorância do povo—convém alardear um patriotismo que não existe nem já mais existiu, para que esse mesmo povo — eterna besta de carga e eterno parvo—se vá deixando narcotizar.

Ao industrialismo corticeiro—preocupan-

ALGUNS REPAROS

A propósito da constituição do Sindicato dos Cantoneiros das Estradas

Em tempos que não vão longe e tem caminhado, e porisso mesmo não se tenha sabido impôr ou sequer reclamado, um pouco mais de consideração e respeito, nem porisso deixa de ser um valor como qualquer outro, como o arsenalista por exemplo. A sua missão na sociedade, não é tão inútil como parece. Pode até certo ponto não ter sido isso notada ou percebida. Mas não o devemos de tal culpar, pois que simplesmente se deve ao facto, de em Portugal se procurar debelar o mal pela rama que não pela raiz.

Se o cantoneiro fôsse tido como um ser útil e necessário, e como tal pago, nunca as estradas de Portugal chegariam à vergonha a que chegaram. Não! Porque de harmonia com o salário auferido, lhe seriam distribuídos os quilómetros de estrada que ele teria que tratar e conservar, sob a pena de demissão imediata. Além disso, bem poderia o cantoneiro, ser como que o elo que ligasse o trabalhador das cidades, vilas ou aldeias, com os seus camaradas dos campos e vice-versa, uma vez que é ele quem, mais de perto, com eles priva e quem mais com eles se encontra.

O cantoneiro que passa de manhã à noite, quando cumpridor da sua missão, sujeito a todas as intempéries, desde as tórridas e abraçadoras tardes de verão, até às frias e glaciais manhãs de inverno, sem outro amparo que não seja os três a sete escudos diários que o Estado lhe concede, deveria ser para todos os efeitos legais, um funcionário desse mesmo Estado, como amanhã num futuro melhor o será da colectividade, e, como tal pelos outros funcionários, deveria ser olhado com atenção. Mas não!

Até por estes éle é tido como um rural, inculto e sem direitos. Uma vez que o é, que se organize e se una, para que nessa organização e dessa união, encontre o fruto do seu trabalho, e conquiste o prémio da sua vitória.

Paulo Emilio

Idealismo. A origem de "ideia"

Idealismo é, em geral, a doutrina filosófica segundo a qual a realidade mais íntima, firme e essencial, está constituída pelo mundo das ideias. Porém o termo ideia significa, na sua origem, algo totalmente distinto do seu sentido corrente, no momento actual. Platão emprega-o, pela primeira vez, num sentido rigoroso, filosófico e científico. No grego ordinário, ideia, é, simplesmente, visão ou aparição. Platão, recolhe-o da linguagem vulgar e dá-lhe um sentido preciso e rigoroso. Desde aquele momento o seu uso tornou-se preciso e a sua fecundidade, inexgotável. Ao redor das ideias têm-se travado as batalhas filosóficas mais violentas e mais fecundas. Segundo o conceito que tenhamos de elas varia radicalmente a totalidade da nossa concepção do mundo e das coisas. A concepção das ideias é decisiva para a concepção da realidade.

J. Xirau Palau

«Se não se falasse nunca de uma coisa, seria como se não existisse. E', unicamente, a expressão que dá realidade às coisas».

Alfredo de Vigny

DE ESPANHA

Os acontecimentos da primeira quinzena de Novembro

A suspensão temporária de "Solidaridad Obrera"

Comunicam-nos de Barcelona que por ordem judicial foi suspenso por 30 dias o diário *Solidaridad Obrera*, órgão da Confederação Regional da Catalunha. O motivo da suspensão é, segundo alegam, ter inserido um artigo que o fiscal de *Sua Magestade* considerou ofensivo para o poder executivo, instituições governamentais e incitamento à rebelião.

Em Valência

Por ordem judicial, foi também suspenso o semanário *Solidaridad Obrera*, órgão da Confederação Regional Levantina e presos os seus directores. Além destas prisões e da suspensão do periódico, não se poderá publicar em Valência outro jornal com a mesma orientação da *Soli* à frente da qual esteja algum dos redactores presos.

Os mesmos de ontem

Na vizinha cidade de Badalona, onde há cerca de três meses se vem desenrolando um conflito entre os operários da «Casa Andreis e Metalgraff».

No passado dia 28 do p. p., os grévistas da «Casa Andreis e Metalgraff», reuniram para apreciar as bases propostas pelo «Comité» da greve numa entrevista que teve com representantes da empresa, que eram os seguintes: «Reconhecimento do Sindicato Unico Metalúrgico de Badalona; Readmissão do pessoal despedido. Reintegrando dos operários castigados nos seus lugares respectivos. Quando por exigências do trabalho se tenham de efectuar despedimentos, haver entendimentos com os delegados do pessoal para que o trabalho seja dividido por todos sem necessidade de despedir ninguém».

Estas bases foram assinadas por delegados do pessoal e da referida empresa, ficando por isso o conflito resolvido com satisfação de ambas as partes. Os grévistas não pretendiam outra coisa.

Porém ao retomar-se o trabalho no dia 30, o director, um tal Paulini, de nacionalidade italiana entendeu que dentro da fábrica, quem mandava e dispunha era ele e por conseguinte as bases firmadas não teriam valor. Esgotados os últimos recursos suasórios dos grévistas, para impedir a continuação do conflito, estes viram-se na contingência de voltar à primeira forma, mantendo-se integralmente na luta que até à data têm sustentado.

Os conflitos sociais

Em Barcelona, declarou-se no passado dia 3, a greve geral dos operários pertencentes ao Ramo de Construção, cujo sindicato é afecto à C. N. T. Depois de várias «démarches» do comité da greve, os grévistas retomaram o trabalho no dia 4 depois de serem atendidos nas suas reclamações.

A greve da fábrica de lampadas «Philips Z», continua sem solução há mais de dois meses por a Empresa se opor ao reconhecimento das justíssimas reclamações dos grévistas.

Os operários da Sección de Calefacción affecta ao Sindicato Unico Metalúrgico de Barcelona, encontram-se em conflito com os seus patrões em demanda de umas melhores condições de trabalho e das regalias que tinham antes de 1923, quando surgiu a ditadura.

Em Maurena existe uma greve entre os operários da fábrica metalúrgica «Nacional Piroli», para melhoria da sua situação económica.

Em Villanueva y Geltrú há aproximadamente três meses que se vem sustentando um conflito na fábrica de cimentos «Griff», porque a referida empresa não quer atender uma melhoria de situação económica, solicitada pelo pessoal e não reconhecer o seu sindicato.

As mulheres de Villanueva têm desempenhado neste movimento um papel preponderante e brilhante, que jamais será esquecido. Nesta mesma localidade, se declararam em greve os operários da fábrica «Sas».

Em Valência. No passado dia 3 do corrente, declararam-se em greve os operários das fábricas de produtos químicos.

Os operários do Sindicato Unico do Ramo de Madeira, reuniram-se para estudar as

(Continúa na 7.ª página)

..... A. Pimenta
Lêr e propagar "A Batalha" é o dever de todos os trabalhadores.

PONTAS DE FOGO

O fim da guerra e a posição da imprensa burguesa.

Após o armistício, que pôs termo à tremenda catástrofe da conflagração europeia, a imprensa capitalista de todo o mundo, em louvores ao Altíssimo, com delirante, fervoroso e agradecido entusiasmo apoteosou a aurora da Paz — ante bémido que Deus mandou ao mundo depois de fatigado de digerir tantos milhões de vítimas, criminosas umas, inocentes outras!...

Fomentando e explorando os grandes crimes, foi essa envilecida imprensa, indigna da definição de Vitor Hugo, a mais terrível arma de que lançaram mão os interessados em espalhar o terror por todo o globo, transformando-o num infernal tablado, coberto do lúgubre manto do mais desolador luto, mar de lágrimas e sangue, onde milhares de assassinos armados exibiam a macabra cena de ceifar vidas em nome da Santa Liberdade e do Sacratíssimo Direito!! Enche os cofres! Enriquece o máximo, nem que custe a vida de meia humanidade! — era o lema dos abutres, os grandes patriotas do Império do Ouro.

Foi essa sinistra imprensa a mais poderosa auxiliar dos fomentadores da guerra, e a principal promotora da entrada dalguns países na contenda, deliberando que não obstante trazer-lhes como consequência fatal a ruína financeira e económica, lhes abria a sepultura a numerosas vítimas e lhes organizou o cortejo dos mutilados.

E para tanto, a princípio uma só pessoa, um só jornal; depois uma outra pessoa, outro órgão, e mais uma, e mais um — e assim se preparou o *jantar*, digno de registo, em letras de sangue, nas páginas da História, arquivo onde no futuro se encontrará o libelo acusatório dos criminosos nefandos que viveram digerindo vidas. E' fantástico!

Avaria-se a linha que conduzia a corrente, o electro-dinamismo diabólico da horripilante carnificina, e anunciava-se o armistício, o fim da guerra, favor e comunicação oficial do Quartel General da Morte, que quere completar a digestão enquanto os povos religiosos delirantemente saúdam a Paz no emudecer do destruído canhão.

Que delírio, *santo Deus!*... Dir-se ia que a Terra estava em pecado mortal, inextinguível Miséria e dor, rios de lágrimas, mares de sangue, cemitérios de cadáveres, legiões de mutilados horríveis! Os campos abandonados, sem cultivar, não se ouvia o silvo dos maquinismos fabris, por toda a parte o luto, falta de alegria nos lares, só pranto e dor, ante o espectáculo horrendamente exterminador da besta humana devorando-se, destruindo povoados, aldeias, vilas e cidades, numa fúria louca!

Tremia a Terra ao som das cornetas das hostes infernais; e como se o Imperador do Báratro se tivesse aliado o Imperador do Céu para exterminar o pecador terreno, ao tremor dos Elementos, das alturas do Espaço se entornavam sobre o globo caldeiras de fogo, câniões de pólvora, vagões de dinamite, galéras de metralha!...

Como haver alegria na condenada fauna do excomungado planeta? Até os sinos se comoveram... Ao dobrar, nas silenciosas tórridas das ermidas, entornavam na vastidão do Espaço o seu brônzeo lamento... expediam notas tão plangentes... chamando os fieis e levando às regiões etéreas o profundo arrependimento dos pecadores, tentando demover os inexoráveis supremos poderes a pôr termo à maior tragédia de que há memória...

Assim lamentava, após o armistício, masando padre-nossos e vendendo hostias, essa imprensa depravada, forja dos grandes crimes ao serviço do Capital. E é ela, ainda que, celebrando a Paz por todo o mundo, rejubilando em pios louvores e místicos agradecimentos a Deus, simultaneamente relata que vinte e tantas guerras ainda se sustentam.

E integrada na sua nobre missão de sempre, no seu papel desinteressado e altí-

GENTE DO MAR

Os pescadores e a sua situação

O que reclamam para a melhorar e é de justiça conceder

Ao estudarmos as reclamações dos pescadores, notamos nelas uma falta de uniformidade que muito tem prejudicado, e prejudicará ainda, o seu triunfo. Se a exploração de que são vítimas, é idêntica em todos os portos, no norte como no sul, as reclamações são variadas. Dos motivos originários de tal estado de coisas, trataremos em outro artigo, que versará a sua organização.

Para se poderem livrar de todo aquele sarilho de percentagens várias, caldeiradas, etc., só uma reclamação seria suficiente: um salário mínimo, compatível com as suas necessidades, acabando para sempre com esta situação de nunca saberem quanto ganham.

Não é para esse fim que, pelo menos por enquanto, são dirigidas as suas reclamações. Há para isso razões que, examinadas superficialmente, parecem ser de bastante peso para determinar uma tal atitude. A principal é de que o rendimento da pesca nem sempre é igual. Mas isso sucede com todas as restantes indústrias. Todas têm altas e baixas. Um outro argumento, que também merece citação especial, é de que, estabelecido o salário fixo, não haveria já o estímulo para o trabalho. Esta afirmação, quando feita de boa fé, só pode revelar ignorância. Na moderna organização do trabalho, se é necessário o estímulo para o desenvolvimento da capacidade produtiva de cada trabalhador, deve ele ser feito em sentido diferente. Não se estimula ninguém, condenando-o a uma situação de permanente miséria.

Mas, até mesmo os que a bordo, tendo superintendência sobre o trabalho, podem, de facto, ter qualquer influência no seu maior ou menor rendimento, no sentido restrito em que é tida essa influência, até mesmo esses, têm outros motivos, e bastante fortes, para não descurarem a sua missão. Neste plano poderão encontrar-se os mestres e os capitães. E' necessário estímulo, sim, mas ele só pode resultar de se ter sempre em boa conta as condições especiais de quem se pretende estimular. E para isso, não são só as suas condições materiais, mas até, mesmo,

mente educativo, ela continúa apostolando a Paz armada de pólvora e aço, aprovando os orçamentos de guerra, justificando todas as revoluções políticas, elogiando os grandes criminosos, fazendo propaganda de todas as grandes fábricas de armamento, levando ao conhecimento de todos a constituição dos formidáveis "trusts" de envenenamento, exploração e destruição e reclamando as armas de morte!...

E bem triste é constatar, como com má-gua constato por onde páro e para onde viajo, que a conspícua messalina é auxiliada por milhões de indivíduos que trabalham — a quem deve interessar, em primeiro e por dever, a imprensa operária.

Correia de Sousa

A Batalha

DE LEIRIA

O ensino na escola primária está sendo prejudicado por falta de professores

Várias pessoas se nos têm dirigido, queixando-se e pedindo-nos mesmo, para, por intermédio do nosso jornal, transmitirmos as suas muito justas reclamações, baseadas no facto de a população escolar ser bastante numerosa, e os professores, serem em tão pequeno número, que cada um tem a seu cargo uma média de sessenta alunos!!

Interessando-nos o caso, e querendo cumprir o nosso dever, procurámos o director da referida escola e por este senhor nos foi dito o seguinte: De facto tem havido falta de professores, sendo muito elevado o número de crianças para os professores que estão actualmente no quadro. Mas por estes dias vai ficar isto normalizado. Se o não está há mais tempo, é porque não se têm enviado mapas para a Inspeção, o que já se fez, devendo, como já afirmei ficar isto normalizado por toda esta semana.

Acreditamos nas palavras do sr. José Noqueira e esperamos que da Inspeção sejam dadas providências, com a urgência que o caso requer. — (C.)

NA ALEMANHA

Os dois sectores do marxismo não se entendem por motivo das últimas eleições

Sociais-democratas e comunistas alemães injuriam-se fortemente, tratando-se reciprocamente de traidores.

De que se trata em suma? Os sociais-democratas votaram com os clericais de Brüning, os comunistas com os fascistas de Hitler.

Não examinamos os motivos mais ou menos confessáveis que determinaram uns e outros. Fez-se mais uma vez a demonstração que, nos Paramentos, os piores compromissos tornam-se necessários, a não ser que ali se praticasse o abstencionismo, aliás muito mais lógico na obsecção das eleições legislativas.

«Classe contra classe» repetem sobranceiramente certos charlatães, que não encontram outra forma de materializarem esta frase, senão voltando nos Paramentos com as clericais ou com os fascistas!

AOS AMIGOS DE «A BATALHA»

Não haverá, sem dúvida alguma, um único operário, leitor de A Batalha e dela amigo, que não verifique quanto é necessário, à organização dos trabalhadores, o jornal. Este realiza uma obra formidável, concorrendo para a aproximação dos trabalhadores das várias regiões e das diferentes indústrias. E tanto assim é que, após a saída deste porta-voz, a organização operária, sobretudo as suas células da província, começou a mover-se, a fazer sentir a sua existência, por meio do desejo forte de actividade.

E, portanto, inevitável que o nosso jornal é necessário.

Esta verificação, porém, acarreta outra: — a insuficiência de recursos materiais, e consequente e constante mal-estar, vindo das dificuldades que, semanalmente, temos de vencer.

E compreende-se que assim seja.

Um jornal operário, por muito simpatia que conquiste e por grande número de leitores que tenha, nunca consegue vida própria, onde as dificuldades se não conheçam e o mal-estar inerente se transforma na satisfação de ver o trabalho facilitado.

E por assim não succeder o esforço despendido tem de ser maior, tanto por parte dos amigos que nos leem, como por nós, que executamos o trabalho para facilitar essa leitura.

Da nossa parte, naturalmente, todo o esforço possível é cedido. Da parte dos nossos leitores e amigos, bastará que pensem na impossibilidade de manter qualquer semáforo operário, sem apoio material, que se verifique com a prontidão exigida.

Esse apoio é necessário e, por isso, nos dirigimos aos nossos amigos. Têm três formas de facilitar um pouco mais, a vida do nosso periódico.

A primeira consistirá no esforço, a fazer por todos, que evite a devolução dos recibos, agora enviados para o correio. Não permitindo que nos sejam devolvidos, evitar-nos-hão, novas despesas, mais trabalho e dificuldades que, sempre, esse facto causa nos serviços de administração.

A segunda forma é tão fácil de realizar que nenhum deveria deixar de fazer o pequeníssimo esforço que exige: — Cada nosso assinante deve arranjar, pelo menos, um novo assinante. Isso nada custará em esforço, trazendo ao jornal o dobro de assinantes e, portanto, facilidades mais acentuadas.

A terceira forma parecendo a mais difícil é, também, fácil, mesmo tendo em conta as enormes dificuldades dos trabalhadores, devido das crises e à insuficiência de salários. Embora ponderando tudo isso, quere-nos parecer que todos os que trabalham, e que leem o nosso jornal, estão em condições de nos enviarem auxílio material, aumentando, assim, a importância da nossa secção «Auxílio à A Batalha». Esta representa já, alguma coisa, atendendo à crise e ao curto espaço de tempo que vai desde o primeiro ao último número publicado. Mas é preciso que vá muito mais além, para mais fácil tornar a vida do nosso querido jornal.

Trabalhadores! Auxiliai A Batalha! Têm todos os nossos amigos três modos de o fazer, devendo ser, algum deles, a todos acessível. Não podem, portanto, desculpar-se com as dificuldades que um ou outro possa oferecer.

José Francisco

CONCRETIZANDO

Como proceder contra o ataque

A nossa posição perante as manobras dos bolxevistas

Nada mais difícil do que expor hoje uma opinião da transcendência desta a que me abalanço, não pelo que que tenha de intrínseca, porque é de fácil compressão, mas pelo choque de paixões que provoca, e pelos despeitos que existem, mesmo já no início de qualquer polémica. Hoje, quasi que sómos forçados a expor o critério e a não o discutir, porque se o fazemos, ou encontramos um espírito de seita dominando o raciocínio ou um despeito que fervilha. E, então, só o indivíduo é alvo, ficando de parte as ideias que discute.

Vou expor a minha opinião frente ao comunismo, embora esta não agrade a alguns.

Existe um perigo que ameaça a organização operária: a infiltração das correntes autoritárias, sujeitas aos objectivos e interesses de partido, que pretendem derrubar, nas organizações sindicais, o seu carácter de organismos de luta de classe e emancipação, tornando-os apêndices da luta política dum partido meio operário, meio burguês. Para conjurar este perigo é necessário conjugar os esforços de todos os que entendem que o socialismo deve viver à margem dos partidos políticos, sempre na defesa dos interesses morais e económicos dos trabalhadores, visando ao desaparecimento do Capitalismo e do Estado, luta esta que visa uma finalidade libertária.

Afastemos esse perigo, exercendo uma acção salutar, mas claramente exponhamos aos trabalhadores que processos usamos, que razões aduzimos, porquê e de que maneira.

Não advogo a irradiação dos comunistas da organização por serem partidários da ditadura do proletariado e por verem da Rússia só coisas boas, justificando a priori tudo quanto possa lá existir de mau. Exijo apenas que sejam trabalhadores, que exercendo a acção política do seu partido não pretendam por todos os processos, quaisquer que sejam, subordinar aos seus pontos de vista a organização dos trabalhadores, tirando-lhe a sua feição combativa ou aniquilando e espalhando a sisanía, hostilizando entre si grupos de trabalhadores, quando estes resistem às suas intimativas.

Certos comunistas têm usado de processos nada escrupulosos para conseguir os seus fins. Não é difícil encontrar-se um sindicato onde haja uma intriga, onde existam vários camaradas que acolhem os que o não são, com insultos, sarcasmos, admitindo a sua expulsão, vaiando-os em qualquer altura. Nas oficinas espalham-se atoardas, forjam-se escândalos, arranjam-se assembleias fictícias, deturpam-se extractos de jornais e quando comentam qualquer sessão cobrem de

ridículo os que estão dentro doutro campo de opinião para elogiarem com lugares comuns aqueles que agem dentro dos seus processos. Poucos, quasi raros, são os comunistas que assim não procedem. Esses poucos, mesmo, são irradiados, os considerados traidores, na melhor das apreciações.

Nós não podemos ficar indiferentes a isto. Temos de reagir e a nossa reacção deve ser caracterizada pela elevação de processos. Temos de esclarecer toda a gente com verdade. Entre nós e os comunistas há diferenças de ideias. Mas não deve ficar por aqui. E' preciso que haja também diferença de processos. Não usaremos da maledicência, e não cultivaremos o insulto. Esclareceremos!

Toda a manobra deve ser apontada, discutida, obrigá-los a agir à face de todos e não nos bastidores. E' preciso não deixar passar um caso, porque atrás dum vem outro; uma vitória pequena que seja, é estímulo. A nossa tolerância deve compreender-se por uma liberdade de todos exporem as suas razões, de não forçar a lógica ou coagir-mos por imposições. Mas a nossa tolerância não deve levar ao nosso suicídio.

Ataca-se a organização? Defendamo-la! Estabelece-se a discórdia, a intriga? Desfazê-la-hemos.

Hoje atacam-se os militantes, vendendo-se nesse ataque um indivíduo que se pode inutilizar para melhor aplanado ficar o terreno a absorver. Nesse momento só existem maus militantes, traidores, fascistas do lado dos que não são comunistas, o que pode fazer compreender que a sinceridade, a honestidade, a lisura de processos são apanágio dos comunistas. Os outros invariavelmente têm de ser maus. Isto é um sistema que pode servir aos fins dos comunistas mas não pode servir aos interesses dos trabalhadores organizados.

Se o partido comunista julga que tem uma grande obra a fazer em benefício dos trabalhadores que a faça, que use todos os processos sem escrúpulos para carrilar os trabalhadores nos seus fins eleccionários. Isso não passará sem a nossa opposição leal, clara e esclarecedora.

A Rússia é a isca que se usa para lançar o odioso sobre os libertários por estes discordarem da repressão da revolução, pretendendo-se fazer crer que nós somos contra-revolucionários e inimigos dos trabalhadores. Nós somos defensores da Revolução Russa, lutaremos sempre por ela, o que não nos presta-mos é a justificar todos os erros da Rússia fazendo assim uma obra de traição ao espírito da Revolução do povo russo de Outubro de 1917.

Energia, lealdade e esclarecimento, é o que eu desejo que todos nós façamos.

Emílio Santana

DEFESA DA IDEIA

fl que conduzem os maneios comunistas. Realidades.

Uma das principais calúnias empregadas pelos comunistas russos, na sua propaganda derrotista contra os anarquistas que militam na organização operária, é a de que estes se encontram mancomunados com a burguesia, da qual se converteram em autênticos lacaios.

Férteis na intriga, persistentes na mentira, da qual se servem como arma principal para conseguirem levar a bom termo a obra confusionalista e desagregadora que se propuzeram realizar, não hesitam em desvirtuar factos e inverter princípios, conquanto consigam a realização dos fins inconfessáveis que os agitam.

E por que motivo lutam os bolxevistas mais encarniçadamente contra os anarquistas do que propriamente contra os burgueses?

Porque os levará a sua anarcofobia, ao ponto de dividirem os baluartes sindicais, sem o temor, sequer, de deixarem ao patrocínio o campo livre para que este possa aperfeiçoar os seus meios de exploração e opressão? Unicamente, porque os libertários fêz os princípios — únicos que podem conduzir o proletariado à sua emancipação integral — porque se noticiam, não recalam, por a descoberto os padrões de que enformam os monopolizadores do chamado estado proletário, cuja acção pressora e repressiva tornou a existência desse estado tam pernicioso como a dos estados capitalistas burgueses. E' esse o grande obstáculo que se opõe à infiltração constante que os comunistas procuram realizar, no seio das hostes proletarianas.

E' por isso que optem a propaganda anarquista — aberta, clara e inofensiva — uma propaganda forte, de intrigas e baixezas, cujo fim é semear a desconfiança e a malquerença no seio das massas menos conscientes.

Enquanto acusam os libertários de inimigos da Revolução Russa, aguçam o apetite aos infelizes famintos que agrrpam à sua volta, prometendo-lhes uma igualdade económica que, de resto, não existe na Rússia. Convém lembrar — isto para elucidar alguns bem-intencionados que, porventura, possam existir nas falanges comunistas — que os anarquistas não combateram nem combatem a Grande Revolução Russa por cujo triunfo lutaram encarniçadamente; combatem, sim, os donos da Pátria Proletária, que desvirtuaram esse grande movimento sem precedentes na história da Humanidade.

Quando a igualdade económica, basta recordar aos incautos que em vez da fórmula igualitária: «De cada um segundo as suas posses e a cada um segundo as suas necessidades», existe na Rússia Nova uma escala que comporta nada menos de dezessete ordenados, o que equivale a dizer que enquanto uns disfrutam de todas as comodidades inerentes aos altos cargos que desempenham, outros, os mais íteis decretos, vêr-se não algo preocupados quando necessitem comprar uma carniça.

Encolerizam-se os bolxevistas, cobrem-nos de improprios e procuram afogar-nos na baba viscosa que constantemente vomitam, se constatarem que combatemos as suas magnificências traiçoerias.

Queriam talvez que estivessemos perfeitamente identificados com um sistema social que, uma vez posto em prática, esmagaria a liberdade de pensamento nas suas mais infimas manifestações: prende, deporta e fusila os que usam eleva a sua voz contra os desmandos do poder. E, não contentes com tudo isto que se passa dentro da Pátria Proletária, que é muito sua e que eles tomaram egoisticamente invulnerável, ainda por cima alimentam o virus pegonheiro com que os seus esquezas extra-territoriais pretendem conspurcar o brio de alguns operários mais consci-

(Continúa na 7.ª página)

PELOS MOBILIÁRIOS

A situação económica dos operários mobiliários

A indústria do mobiliário foi, em tempos, das mais importantes, das que mais forças reuniu e das que lutou, com energia, por reivindicações, de que o operariado daquela indústria gosou, durante bastante tempo. Porém, aquele dismantelar — que atingiu toda a organização operária — também aqui se fez sentir, seguindo-se-lhe uma grande indiferença de todos pela vida do sindicato. E, no entanto, tudo indicava que assim não sucedesse, pois se verificava atravessar a indústria por enorme crise e ser por ela, o operariado, enormemente afectado.

Por fim essa situação modificou-se. Um grupo de militantes tomou a iniciativa de fazer com que o sindicato regressasse áqueles tempos de forte actividade. Tem reunido, com regularidade a comissão, então, recomposta, procurando exercer a actividade, lógicamente indicada pela situação económica difícil do momento.

Procurámos um militante dessa classe para nos fornecer indicações sobre essa actividade.

Eis o que nos disse:

— Quanto a crise de trabalho?

— Quanto a mim não existe crise de trabalho. O que existe é uma desorganização industrial de que resulta o grande número de desempregados. Senão vejamos. Como é que em Lisboa há crise de trabalho, se o comércio se abastece de grande parte de mobiliário importado e fabricado no Porto e seus arredores? Bem sei que se diz que o preferem, devido ao preço mais baixo por que o adquirem. Mas isso não invalida a minha opinião.

E, como acima digo, a grande desorganização, que após a guerra se desenvolveu, que provoca a crise. Actualmente não temos fábricas nem grandes oficinas. As que haviam fecharam e, aparte umas quatro, o resto da indústria está disseminada por pequenas oficinas, montadas por operários que, querendo emancipar-se da tutela patronal, uns só, outros da sociedade, se estabeleceram, concorrendo involuntariamente para essa desorganização.

E não é só a esses operários que cabem as culpas. Os industriais e comerciantes lisboetas também não vêm o grande erro. Olham mais para os lucros que para o desenvolvimento da indústria do mobiliário. Podemos até afirmar que quasi não há industriais dignos de tal nome. Olhemos para o Norte, onde, de facto, existe um industrialismo activo e de iniciativa, não havendo, ali, por esse motivo desemprego, como na capital.

Abandonassem os industriais e comerciantes o comodismo em que estão mergulhados, organizando a indústria que exploram em moldes modernos e inteligentemente, e veríamos desaparecer essa coisa negra — Crise.

Aos operários compete estudar o problema e accionar estas questões em harmonia com as conclusões a que chegar. Já, em tempos, a comissão organizadora do 2.º Congresso da Indústria Mobiliária, pretendia, no mesmo tratar o assunto, «Organização Industrial e seus múltiplos aspectos».

Por motivos de ordem vária, não pôde levar-se a efeito, mas estou certo que o Sindicato irá tratar destas como outras questões, de maior alcance para a classe e para a indústria. O Sindicato conta com alguns elementos estudiosos e cheios de boa vontade, mas é necessário que a classe compreenda o alcance social do assunto e acompanhe esses trabalhos, dando-lhe corpo para que essas boas vontades não sirvam o seu esforço estéril.

E' o que a traços largos te posso dizer em minha opinião, no entanto outros camaradas mais experimentados e com mais conhecimentos, te poderão, minuciosamente, expor a questão.

— Há mais algum assunto a focar?

— Sim, há. Seria conveniente tratar dum problema de alto interesse para os estofadores e público em geral. E' a fiscalização rigorosa no material a empregar nos móveis estofados e a proibição rigorosa da venda de estofos usados, porque são veículo transmissor dos bacilos da tuberculose.

— Quanto a actividade?

— Posso garantir que não existe a precisão. O que há é comodismo, que não se reflecte só na chamada massa, como, propriamente, também nos militantes. Quando me

Resta-nos portanto agora referir-nos ao que se passou no teu regresso da provincia.

Se não estamos em erro, o teu regresso coincidiu com o dia da véspera de S. Pedro, resultando como consequência de tal, não se reunir nesse dia como devia acontecer, para ficarem definitivamente estabelecidas as combinações feitas. E, infelizmente, outro tanto aconteceu no dia seguinte, dia de S. Pedro, sendo necessário passarem-se mais dois ou três dias para fazer reunir todos os elementos da C. porque uma vez era o F. que não aparecia, por ter de assistir às reuniões da U. S. O., outras vezes, faltava o que era membro de qualquer comissão no seu Sindicato, etc., até que finalmente sempre se conseguiu reunir, ficando tudo concluído. Quantos dias mais demorou esse trabalho? Também não podemos dizer, ao certo, mas, talvez mais 4 ou 5.

Está, pois, descrito o que se passou nesta cidade.

Enquanto às restantes localidades do Norte, recorda-nos tu teres dito que sendo impossível — ou dizemos antes — tendo tu ido a Vidago para falares com o Ferreira, por acaso, esse camarada partia no comboio descendente para as Pedras Salgadas, felizmente no momento em que vocês chegavam a Vidago, o que vos tinha obrigado a acompanhá-lo às Pedras, para lhe expor a missão de que vós íeis incumbido.

Igualmente nos recorda vós manifestardes a vossa contrariedade pelo que sucedeu em Braga e Viana, em face da demora que também ali tivestes de fazer, e da enorme despesa realizada, principalmente em Braga, por serem vésperas de S. João e os Hoteis estarem cheios, o que facultava portanto a especulação.

São estes os esclarecimentos que vos podemos prestar, relativamente à vossa demora no Norte quando da referida missão.

Enquanto à justificação das despesas, deves, tu, com certeza, possuíres os elementos necessários para aclarar esse ponto. Apenas nos cumpre dizer que tendo-se combinado, o A. acompanhar-te na missão à provincia, o mesmo recebeu, além da despesa que ele, também fez com o hotel, passagens etc., mais a fêria relativa a 15 dias de trabalho, ou seja 25 escudos por cada dia.

São estes os elementos que tu pedes para justificar a razão da tua demora no Norte e a enorme despesa que fosteis forçado a fazer?

Supomos que sim.

Mas se entenderes, que mais alguma coisa há que seja necessário recordar e que porventura nos tenha esquecido, é conveniente dizer.

refiro a estes quero citar aqueles que contraíram responsabilidades adentro do nosso Sindicato. E a provar esse indifferentismo está o facto que te vou citar. Há pouco realizámos uma reunião para a qual convidámos alguns militantes. Pela comissão administrativa foi presente um parecer sobre a situação precária que o nosso organismo está atravessando, propondo que todos os sindicatos se cotisassem com 10\$00, amortizáveis em quatro prestações. Pois verificámos este paradoxo: as oficinas para onde mandámos listas, vinham com os nomes de camaradas que contribuíram e que não são sócios. E porque o não são? Porque não queiram saber do seu Sindicato? Não! E porque, infelizmente, não nos tem sido possível desenvolver aquela propaganda, que é necessária, pelas oficinas, e isto ainda devido a termos estado à frente do Sindicato até há pouco tempo, só três camaradas. Embora com vontade não tinham quem os ajudasse.

Agora esperamos fazer alguma coisa pois que já temos a comissão administrativa recomposta e esperamos, em breve, ver o nosso Sindicato forte, para poder enfrentar todos os problemas que dizem respeito à nossa indústria, como seja o desrespeito pelo horário de trabalho e as chamadas empreitadas, que, infelizmente, estão tendo incremento na nossa indústria, principalmente na especialidade de marcenaria. Também, pretendemos frater da crise que está afectando a indústria, a que já fizemos referência.

Cumpre-nos declarar, apenas que o que acabamos de relatar é a expressão nítida do que nos recorda ter-se passado, não nos movendo outro intuito senão esclarecer a verdade. Por isso poderéis fazer o uso que entenderdes desta, dos que se subscrevem abaixo e se confessam seus amigos certos e dedicados. — Porto, 22 de Maio de 1930. — José Rodrigues Reboredo, António Luis Pinheiro, Mário Azevedo, Serafim Cardoso Lucena, Mateus Ramos, Júlio de Campos.

As cartas de Alfredo Lopes e Carlos Maria Coelho

Caros camaradas: — Convidado pelo Comité Confederal a reunir no dia 25 de Junho p. p. para prestar esclarecimentos, acerca de gastos de dinheiro mal aplicados por parte de Manuel Joaquim de Sousa, acusação que lhe é feita por alguns componentes da sua classe, cumpre-me declarar que durante todo o tempo que estive no Comité Confederal com o referido camarada, nunca notei que os dinheiros que lhe eram confiados para despesas da C. G. T., qualquer que fosse a sua natureza, fôsem mal aplicados, ou da sua parte houvesse excesso de despesas nas delegacias que por vezes lhe foram incumbidas, isto no que se refere ao primeiro Comité Confederal, nomeado no Congresso realizado em Coimbra.

Depois que deixei de fazer parte do Comité, nada posso esclarecer, tanto mais que quando no Conselho Confederal se tratou dos assuntos referentes às acusações que voltam a ser feitas a Manuel Joaquim de Sousa, estava eu afastado das lides da Organização, por motivo de me encontrar gravemente enfermo. — Sem outro assunto, Fraternais Saudações — Lisboa, 21-9-30 — Vosso e da Causa, Alfredo Lopes.

Caros camaradas: — Como membro do antigo Comité Confederal, eleito no Congresso de Coimbra, fui-me pedido para alguma coisa dizer sobre a conduta de M. J. S. em vários gastos feitos nas delegacias de que foi incumbido pela C. G. T.

De memória não tenho presente, a resolução tomada sobre a verba de 2.800\$00 feita com a delegacia ao Norte, que me parece foi sancionada pelo Conselho Confederal.

Sobre a importância gasta com a delegacia a Sevilha, como o cofre da C. G. T. não tinha muito dinheiro, levaram os delegados o indispensável para as despesas no tempo que tivessem de estar naquele país, o que mais se avolumou com a prisão dos camaradas. Não posso precisar o montante gasto, porque passados uns poucos de anos, nem tudo pode lembrar, e tudo, quanto dissesse a mais, era mentir.

Sobre as despesas com o dr. Vallina, foi esse caso tratado no Comité Confederal que o sancionou, com a condição de ser pago pelo referido doutor, é de certo uma importância grande, mas, precisamente, não posso dizer a quanto montou.

Sobre o caso da delegacia a Paris, nada sei dizer por não ser do meu conhecimento. No entanto afirmo que nas delegacias que Manuel J. de Sousa fez enquanto fui membro do Comité Confederal, era sempre apreciado o relatório e as despesas feitas sem nunca ter havido motivos de reparos.

Sem mais vos desejamos saudações sindicais — Lisboa, 22 de Agosto de 1930 — Carlos Maria Coelho.

Outras declarações de Lúcio da Costa

Declaro que, como membro que fui do Comité Confederal, no período que decorreu desde a demissão de Santos Arranha (1923) até ao Congresso de Santarém (1925) fui conhecedor de todas as delegacias, relatórios e contas; apresentados por Manuel Joaquim de Sousa, nunca sofrendo por parte do mesmo Comité quaisquer discussões desfavoráveis, achando-as sempre em harmonia com as normas da boa administração, e zeloso para com os dinheiros gastos nas missões que lhe eram confiadas, não sofrendo reparos tanto pelo Comité como pela maioria do Conselho Confederal, merecendo sempre ser aprovados. Consta-me e verifico que as mesmas não sofreram contestação no Congresso de Santarém (onde fui a minha custa).

Para melhor esclarecimento, quanto aos gastos com o dr. Vallina, deve-se ter em conta, que por vezes Manuel Joaquim de Sousa, recebeu salários por motivo de acompanhar aquele perseguido, mas também é verdade que grande parte desse tempo foi aproveitado em missões da própria Organização, e em compensação, ainda assim, deixava o Silva Campos, voluntariamente de receber salários a que tinha direito, para não sobrecarregar a Organização, isto contra a vontade do próprio Comité, que a meu ver, no caso Vallina, é o único responsável, pois que Manuel Joaquim de Sousa não fazia parte do Comité.

Referentes aos gastos com a delegacia a Sevilha, devido ao tempo já demasiado não posso precisar a quantia, mas recordo-me muito bem, que nesse tempo o cofre da C. G. T. não estava muito abonado levando os delegados o dinheiro indispensável para a sua curta permanência, não se tendo nunca mandado dinheiro, recebendo apenas as suas famílias o correspondente aos seus salários, e ainda este assunto é de inteira responsabilidade do Comité.

Por tudo isto ser verdade e por não achar coerente com todos os princípios sociais, acusar-se indivíduos, quando antecipadamente se sabe não poderem apresentar-se os documentos que estabelecem a sua honestidade, assino dando liberdade ao alveado de fazer desta o uso que entender. — Lisboa, 12 de Agosto de 1930 — Lúcio da Costa.

De Carlos José de Sousa

Declaro para todos os efeitos e sob minha honra, que o camarada Manuel Joaquim de Sousa, enquanto exerci as funções de tesoureiro da C. G. T. prestou sempre contas das delegacias para que foi indicado, o mesmo sucedendo na delegacia ao congresso da A. I. T. que se efectuou em Paris, cuja despesa orçou — salvo erro, pois já lá vão mais de 4 anos — por dois mil escudos, e foram apresentados documentos e justificadas as despesas.

Não podendo apresentar informes mais concretos pelos motivos por todos conhecidos, assino a presente, autorizando a fazer-se o uso que dela entenderem. — Lisboa, 18 de Agosto de 1930 — Carlos José de Sousa.

De Joaquim de Sousa

A fim de prestar declarações fui convidado por elementos da Central — para o que em 25 de Junho do corrente ano me avistei com os camaradas António Rodrigues dos Santos e Carlos Silva, achando-se presentes para o mesmo fim, Silvino Noronha e Alfredo Lopes.

Expostos os motivos de tal convite — verifiquei tratar-se dum inquérito a Manuel Joaquim de Sousa a pedido dos Manufactores de Calçado, porque alguém fez acusações naquele Sindicato ao citado camarada. A acusação envolve a missão de propaganda ao Norte, em 1925; auxílio ao dr. Vallina; a missão a Sevilha e a delegacia a Paris. Confesso que estranhei o facto em voltar-se, novamente, o bolir nos assuntos que foram mais que debatidos, pelo menos, o primeiro e quarto ponto, no Conselho Confederal quando do conflito ali levantado. — Quanto aos restantes, ou seja, o caso Vallina e Sevilha, não posso conformar-me com tal lembrança a público, passados anos e não duvidei em tal questionculu por que vi e li um manuscrito com tais distates.

Declaro que apesar de estar indiferente com o visado apenas direi a verdade.

Ao iniciar-se a preparação de defesa sindical em todo o País — coube parte dessa missão a Manuel Joaquim de Sousa, respeitante à zona Norte, pelo que se calculou em duas semanas o máximo — por culpa de segundos foi muito além do estipulado — gastando um mês — razão porque a comissão promotora da propaganda pró-defesa sindical, fez sentir tal demora, pois não se verificou irregularidade nas contas, ou morosidade propositada, e o motivo forte que nos levou a fazer reparo, foi o já exposto, e a urgência de se concluir tal missão, atendendo à nuvem negra que ameaçava a liberdade individual e colectiva, e a razão

(Continua no próximo número)

DO BARREIRO

Questões de higiene e... de moral

BARREIRO, 12.—Chegou até nós a informação de que nos vãos de escada de um prédio, sito na R. Vila Braz, dos quais é proprietário o sr. António Braz e seu procurador um tal Malacão, pessoa muito conhecida aqui no Barreiro, habitavam na maior das promiscuidades famílias das quais algumas atingem o número de 5 pessoas.

Como o facto tal qual nos foi narrado atingia porções anti-higiénicas e anti-morais que nos deixaram um pouco duvidosos da sua exactidão, resolvemos, como correspondente de *A Batalha*, fazer uma digressão até áquela local para de visú observarmos até que ponto eram verdadeiras as informações que nos prestaram.

Um vão de escada habitado por 5 pessoas onde mal cabe uma cama pequena.

Efectivamente ao entrarmos na escada do prédio n.º 44 da Vila Braz, deparamos com o respectivo vão de escada habitado e que, por se encontrar a porta entre-aberta, podemos lobrigar ao fundo uma cama, que é naturalmente o único mobiliário daquela infeliz gente.

No fundo mal se poderá conservar um homem de pé.

E' esta habitação que dá guarida a uma mulher com 4 filhos! Ventilação não possui, e, quando têm de cozinhar, fazem-no naquele cubículo sem ar nem luz.

Sabedores da nossa estada ali, os habitantes do prédio sollicitamente nos prestaram todos os esclarecimentos necessários ao cumprimento da missão que ali nos levava.

Eis em síntese as informações colhidas:

Enquanto o sr. Malacão não foi procurador do sr. António Braz, estes vãos de escadas apenas serviam de arrecadação para várias coisas pertencentes ao dito senhor. O Malacão que é uma criatura muito cumpridora da lei e que por esse facto tem chegado a ser esbirro ao serviço da mesma, entendeu por bem fazer render os ditos vãos alugando-os por 10\$00 por mês, vãos estes que reúnem todas as qualidades para que nem cães lá possam viver e que ipso-facto, a lei que ele tanto defende, (sic) condena em absoluto para tal fim.

Como os entes que vivem nestas condições são 5 e têm necessidades fisiológicas como qualquer «casaca», conclui-se que ali, naquele palmo quadrado, as têm que fazer todas.

Nestas condições a imundície, e a promiscuidade ali vivem e se desenvolvem, a ponto de os habitantes daqueles prédios terem que sofrer as terríveis consequências de um foco de infecção que é o antro onde vivem aquelas criaturas.

Não só os factos apontados merecem a atenção de toda a gente, e especialmente a quem os mesmos dizem respeito, mas ainda este outro, de maior gravidade e que constitui um perigo iminente para os habitantes do prédio n.º 44: que é a perspectiva de fogo, ocasionada pela inexistência de 4 crianças, que a mãe, devido a sua vida miserável, tem que abandonar por largas horas. Não se julgue que apenas profetizamos, pois que esse facto já se deu, não tendo produzido factos lamentáveis por um feliz acaso.

Pois, tudo quanto acabamos de narrar, enviaram os mesmos inquilinos ao sr. administrador do concelho, em um abaixo assinado em 31 de Julho, onde pediam para que aquela situação terminasse quanto antes. De facto, passados alguns dias, o sub-delegado de saúde sr. dr. Caroco, pessoa de tradições liberais e democráticas, apresentou-se no dito local a verificar da veracidade do abaixo assinado, constatando apenas que não havia razão para protestos!!! Declarou não ver imundície, nem cheirar mal, e, até mesmo, que havia coisas piores!!!

A completar este quadro visitamos o prédio n.º 50, cujo cano de esgoto se encontra roto há mais de um mês e que por esse facto espalha pelos quintais dos r/c uma imundície fétida que pode provocar sérias consequências se medidas não forem tomadas com urgência. A fossa que serve de reservatório a estes canos de esgoto há muitos anos que não é limpa e eis porque os canos se rompem e os inquilinos do rez-do-chão tiveram que tapar ermeticamente as suas pias para evitar um pouco o cheiro nauseabundo que os mesmos exalavam. Ainda mais: próximo aos canos de esgoto passa um cano de água potável.

Alguem poderá afirmar que nas condições expostas essa água não esteja inquinada e não provoque uma epidemia naqueles habitantes?

Aproveitamos a ocasião e observamos que

DE OLIVEIRA DE AZEIS

Um facto aqui ocorrido que é freqüente em toda a parte

OLIVEIRA DE AZEIS, 15.—Ainda se não extinguiram os ecos duma representação onde as Associações de Classe Vidreiras expuseram algumas das iniquidades e atropelos de que são vítima os seus componentes, e mais uma torpe proeza acaba de se perpetrar em Oliveira de Azeis, por dois dos sugadores do sangue e do suor de tão desafortunadas classes...

Os sociários da fábrica do Bostelho, Gomes e Augusto Guerra, achando exagerado o escasso rendimento duma semana de trabalho efectuado de sol a sol por dois dos galés que moirejam na dita fábrica, (respectivamente oitenta e cinco e cinquenta e oito escudos) entenderam por bem—das suas algibeiras, é claro—reduzir em cinquenta por cento, tão avantajados salários.

Ao ser-lhes notificado pelas vítimas do revoltante saque, que sem as importâncias rapinadas não poderiam ocorrer às suas mais elementares necessidades nem de suas famílias, foi-lhes respondido com impudico cinismo «que se lhes não chegava, fossem roubar»!

A brutalidade desta frase, põe a nu a exploração ignóbil que campeia nas fábricas vidreiras, onde os operários são freqüentemente assaltados, que impiedosamente assim saqueiam os seus magros proventos.

Contra-nos a torva opressão exercida por indivíduos de tais sentimentos, empedernidos Cains, guiados por «malas artes» da miséria à opulência, e que tão depressa esqueceram a sua primitiva posição, para se transformarem em lobos daqueles que tanto tempo foram seus companheiros de labuta.

Auxílio à «A Batalha»

Transporte....	2.460\$30
Joaquim Vicente—Pôrto.....	1\$50
António Ferreira de Almeida....	10\$00
Américo Costa—Póvoa de Varzim	2\$00
Correia de Sousa.....	30\$00
Manuel Gervásio.....	10\$00
Associação dos Caixeiros Leirienses.....	30\$00

A transportar.. 2.543\$80

a empena do prédio citado, que ao ser construído era intenção do proprietário prolongá-lo, o que não sucedeu, e já lá vão 14 anos, é apenas construído por uma fiada de tijolo a cutelo, fiada essa que pela acção do tempo está bastante arruinada. Não seria conveniente uma vistoria ao aludido prédio para evitar algum desastre lamentável?

Para terminar a série fomos encontrar as antigas capoeiras do sr. António Braz transformadas em casas de habitação!!!

Cumpre-nos agora esclarecer o seguinte: Nós não pretendemos que ninguém seja lançado à rua, o que pretendemos simplesmente é que se cumpram as mais elementares leis de higiene e moral. As crianças a que aludimos, necessitam de uma assistência moral e económica, assim como a própria mãe.

Uma sociedade que condena os seus componentes a vegetar na lama, não tem o direito de lhe pedir responsabilidades pelos seus actos. A camara do Barreiro multa a torto e a direito por factos de somenos importância e por vezes de nenhuma, no entanto, com a cumplicidade do sr. sub-delegado de saúde consente que se desenvolvam antros de infecção que podem trazer trágicas consequências à população do Barreiro.

Porque consente a camara os factos apontados?

O que citamos é apenas uma pequena amostra porque em sucessivos artigos demonstraremos a miséria, a promiscuidade que se esconde nesta vila, no que respeita a habitação. Os miseráveis têm direito a uma casa embora modesta, e não devem tolerar as propotências dum sr. Malacão e quejandos. Pelo contrário, devem repeli-las.

Esperamos pois que termine este estado de coisas.

Na revista mensal de ciência, sociologia e arte —

«AUROR»

encontra-se, em todos os números, leitura útil ao estudioso

EM SÃO MANÇOS

Reabre a Associação Rural com uma assembleia geral

A Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais de S. Manços reabriu, realizando a sua Assembleia Geral, sobre a presidência de António R. Vidigal, secretariado por Luís A. Rego e João F. Carvalho. Havia uma extraordinária concorrência. Trataram-se vários assuntos. O camarada António R. Vidigal, apreciou a situação, motivada pela crise de trabalho, e que vitima a classe rural. Há camaradas que há sete e oito semanas não encontram quem lhe queira alugar os seus braços. Esta crise atinge a uma média de cinquenta rurais, havendo aqui trabalho em que os proprietários da terra, os podiam empregar. Mesmo há reparações que a não serem feitas, prejudicarão a saúde pública.

São citados trabalhos que deveriam fazer-se e atenuariam a crise, como reparações em estradas, etc. Ainda se referiu, a circular, que recebida, pela Comissão Nacional de Relações e Estudo e Defesa Rural, não se lhe encontrando defeito algum, foi aprovada nesta assembleia.

Falou ainda, o camarada João F. Carvalho referindo-se também à crise de trabalho. Diz que ela existe, não porque haja falta de trabalho, mas sim porque não o querem fazer. Os senhores lavradores estão abandonando a agricultura. Perto desta vila, há herdades, onde, apenas se cria gado. Pouco semeiam, apesar de serem terras muito apropriadas para a sementeira.

Foi encerrada a sessão, com uma saudação à *A Batalha*, *Vanguarda Operária* e à Organização Operária.

EM ESPANHA

Os acontecimentos da primeira quinzena de Novembro

(Continuação da 6.ª página)

bases de trabalho a apresentar aos patrões resolvendo esperar por uma resposta até ao dia 10, depois do qual se declararão em greve em caso de não serem atendidos.

Se esta greve se declarar, afectará enormemente todas as indústrias dependentes do ramo de madeira.

—Blanes, pequena povoação do litoral situada na província de Gerone (Catalunha) há quasi três meses que assiste a um conflito entre operários e patrões, da fábrica Metalúrgica S. A. F. A. Este conflito perdurará, porque as autoridades locais, tendo interesses ligados à empresa, incitam esta a manter-se intransigente nas suas posições. Enquanto aos grevistas, mantem-se firmemente solidários, contando também com o auxílio material e moral da organização catalana.

—San Lucar de Barrameda.—No passado dia 3, declararam-se em greve os trabalhadores que trabalham no porto de Bonanza, em virtude do contratador se recusar a satisfazer um pequeno aumento nos salários dos operários.

Além dos conflitos que acima mencionámos, há outros de que não temos pormenores concretos, em Bilbao, Zaragosa, Oviedo, Murcia, Granada, Sama de Langreo.

Convém aqui declarar que a maioria dos conflitos existentes e os que estão prestes a sucederem-se, são ocasionados, na sua maioria, pela recusa sistemática do patronato ao reconhecimento dos sindicatos operários.

Uma reunião de dormideiras...

Em Palma de Mallorca, celebrou-se no passado dia dois do corrente, uma reunião de agrupações afectas à U. G. T.

Acordou-se como é protocol—uma saudação ao Comité da U. G. T. e P. S.

Entre as várias resoluções tomadas, figura a de apoiar a U. G. T. e P. S. E., pelas resoluções tomadas na última reunião do Comité Nacional, em Madrid.

Essas resoluções são ir à urna votar a maior quantidade possível de deputados socialistas... De entre todas as forças políticas da oposição monárquica—da qual excluimos o partido socialista porque se acomoda com todas as situações—são os únicos que se preocupam com as eleições... porque dizem que a República está dentro das urnas...

Novembro de 1930.

Floreal Ramos

Ler e propagar «A Batalha» é o dever de todos os trabalhadores.

EM SETÚBAL

Exploração ignóbil aqui praticada

A já célebre companhia, ainda um dia destes chegou a Setúbal, onde ainda está a preparar o material para começar os trabalhos, e já vai começando por praticar actos de pouca dignidade. Primeiro começou por pôr um escrito na parede da barraca com os seguintes preços, para dez horas por dia: carpinteiros e pedreiros, 1\$50 a hora; ajudantes trabalhadores, 1\$00 a hora. Devido a uma comissão de delegados, representando as classes trabalhadoras de Setúbal, não conseguiram o que desejavam, ficando então, por 8 horas, 20\$00 para carpinteiros e pedreiros, e 10\$00 para trabalhadores.

Depois desejava meter apenas, operários que não fumassem, começando por despedir todos os operários que fossem encontrados a fumar. E, por último, no sábado passado, ao entregarem, como de costume, a escassa fêria dentro de um envelope, com a quantia de 29\$00, escrito no mesmo, qual não foi o espanto de três trabalhadores, que ao abrirem o envelope, não encontraram os 50\$00, quantia que esperavam receber por 5 dias de trabalho, nem o cartão que eles costumam entregar todos os sábados, para ser entregue na segunda-feira ao p. gar no trabalho. Reclamaram, respondendo o estrangeiro, que faz o pagamento, estarem despedidos. E tirando-lhes os envelopes das mãos, aconselhou-os a fazer a reclamação no escritório, em Setúbal. E lá vieram os trabalhadores da pedreira, que são distante 8 quilómetros da cidade, com 29\$00 para pagarem o comer e para sustentar a família que durante a semana, ficou a comer à espera daquele dinheiro. Ele nem chega para o pão, quanto mais para fazer uma participação, que importava em doze escudos, como lhes foi exigido na esquadra de polícia quando contaram o sucedido.

A. Dias

DEFESA DA IDEIA

Os manejos dos comunistas

(Continuação da página central)

cientes que, fieis à sua maneira de pensar, procuram impedir os outros, os menos conscientes, sirvam de escada para os fins eleitorais dum partido político despota e explorador?

E' isso que os anarquistas não fazem e é porisso que são acimados de traidores e de lacaios da burguesia. Seria talvez pelos *inestimáveis serviços* que prestam à sociedade burguesa que são mimoseados por esta com constantes prisões, perseguições, assassínios e recompensas idênticas. Dirão os comunistas: mas nós também somos presos e perseguidos pelos burgueses.

Evidentemente, e, do mesmo modo que os republicanos perseguem os monárquicos constitucionais e estes os integralistas, assim os burgueses perseguem os que pretendem desapossá-los do *tacho* para depois se banquetearem com ele.

Têm, pois, os nossos adversários que lançar mão de argumentos bastante nebulosos, quando, ao pretenderem refutar-nos, lhes escasseia o recurso de afirmarem que queremos governar-nos porquanto sabem muito bem que os nossos fins têm em vista a abolição de todas as fórmulas de governo, para que fiquem impossibilitados de governar e de se governarem, não só os burgueses mas também os pseudo-proletários.

Mas que importa que continuem na sua propaganda intriguista e mentirosa contra a verdade, se esta é *una* e inofismável? Que importa que continuem a bolsar insidias sobre os que pretendem, de facto, engrandecer o movimento operário cujo enfraquecimento começou, de resto, a fazer-se sentir depois das manobras dos comunistas vermelhos?

Continuem, continuem que nós cá estamos para demonstrar ao proletariado quem são os verdadeiros lacaios da burguesia...

Raúl Elias Adão

Agradecimento

José Joaquim da Costa, internado no Hospital de Desterro, escreve-nos pedindo para tornar público o seu agradecimento aos operários da obra do mestre Roberto Serra, em construção na Costa do Castelo, pelo seu gesto de solidariedade para consigo. Na carta que nos escreveu mostra-se altamente sensibilizado por tal gesto espontâneo de solidariedade.

A BATALHA



CRONICA INTERNACIONAL

O "dumping" russo

Toda a imprensa burguesa continua a falar d'ê, procurando explicar pelo «dumping» russo a desastrosa situação económica mundial. E' verdadeiramente idiota sobretudo quando faz duma prática genuinamente capitalista, a prática dum chamado comunismo, segundo a própria confissão de Lé-nine, não em condições de existir na Rússia. Mas os burgueses e bolxevistas nesta questão parecem rivalizar no bluff e na confusão.

E' assim que, por um lado, os agentes de Moscú pretendem que a produção russa vai muito em breve, revirar o mundo, por outro lado, fazem «comunicados» como o que se segue, que é um comentário da *Pravda* à campanha da imprensa contra o pretenso «dumping» bolxevista:

«Quando antes da guerra, a Inglaterra preparava o bloqueio da Alemanha, as lamentações sobre o «dumping» alemão na Inglaterra e nas suas colónias, foram um dos meios de mobilização da opinião pública. A Rússia tsarista exportava para a Inglaterra e Alemanha produtos agrícolas a um preço tão baixo que o açúcar servia de alimentação para os porcos. Todavia, ninguém tirara destes factos a conclusão de que era necessário proceder ao bloqueio económico e político da Rússia tsarista. A Rússia tsarista lançou cada ano, durante o período de 1909-1913, no mercado mundial, uma média de 11.857.000 toneladas de trigo, representando a quantia global de 700 milhões de rublos. O comércio externo da U. R. S. S., no seu conjunto atingiu a metade do comércio dantes da guerra, sendo assim menos de 2 % do comércio mundial. Pergunta-se de que maneira miraculosa estes dois por cento podem perturbar o equilíbrio do mercado mundial?

A lenda duma tentativa soviética contra a economia mundial por meio dum reforço das exportações não pode pois de nenhum modo ser tomada a sério.»

Compreenda quem possa. A produção russa progredia duma maneira maravilhosa, mas por enquanto a exportação da Rússia atinge apenas metade da dantes da guerra, representando sómente 2 % do comércio mundial.

Eis um outro comunicado também incompreensível:

«Os Estados Unidos procuram lutar contra a importação soviética de madeira, fazendo alusão de que se trata dum «dumping».

Segundo as estatísticas americanas, os Estados Unidos importaram em 1926 cerca de 96.297.000 dólares em madeiras, das quais 4.300.000 provenientes da U. R. S. S. (seja 0,9 % do total das suas importações de madeira); em 1929 importaram 97 milhões de dólares, sendo 893.000 provenientes da U. R. S. S. (0,9 %).

Estes números provam que o papel da U. R. S. S. como exportadora de madeira para os Estados Unidos é mínimo (0,9 %) e não pode influenciar os preços do mercado.

Além disso, em 1928-1929, a U. R. S. S. exportou o total de 9,9 milhões de metros cúbicos de madeira contra 10,5 milhões antes da guerra (1913). Foi em 1929-30 sómente que a exportação de madeira russa ultrapassou de 14 % a exportação dantes da guerra.

Porque não se falou nunca do «dumping» russo no tempo dos tsares?

Reproduzimos esta prosa bolxevista para demonstrar a evidente má fé burguesa, mas também para pôr em guarda contra as perpetuas afirmações de milagres da economia bolxevista, em tudo semelhantes aos da economia tsarista.

A ARTE

Somos o que somos e seremos o que possamos. Quanto a ser envenenados por um livro, não se viu, nunca, coisa semelhante. A arte não tem nenhuma influência sobre as acções: aniquilla o desejo de trabalhar; é, soberbamente, estéril. Os livros que o mundo chama imorais são os que demonstram a sua própria vergonha. Nada mais.

Alfredo de Vigny

VIDA SINDICAL

Camara Sindical do Trabalho

Reuniu a Comissão Administrativa desta Camara, apreciando o expediente recebido e deliberando sobre o mesmo.

Tomou conhecimento pela imprensa, de uma circular publicada pela Comissão Inter-Sindical, que se refere a esta Camara. O resultado da nossa apreciação será em breve tornada pública.

Sindicato Metalúrgico.—É convocada, extraordinariamente, a assembleia geral para o dia 24 do corrente mês, pelas 20 horas, com a seguinte ordem dos trabalhos: 1.º Bolsim do Trabalho; 2.º Nomeação duma Comissão Organizadora do Conselho Técnico; 3.º Delegacia ao T. A. Avindores e Universidade Popular Portuguesa; 4.º Apreciar uma circular do Ministério do Interior; 5.º Assuntos diversos.

Sindicato Operário dos Manipuladores de Pão de Lisboa.—Foi já dado por findo o motivo do encerramento da sede do nosso Sindicato. O sr. governador civil mandou quebrar os selos das portas e entregar as chaves à direcção. Temos, portanto, a sede à nossa disposição. Há, porém, uma ordem do mesmo sr. governador civil, que só autoriza a reabertura para o funcionamento da escola. Temos, portanto, vedada, por enquanto, a reunião geral da classe.

Esta direcção, legalmente eleita pela classe, vai empregar os seus esforços junto dos poderes públicos para que possamos reunir à vontade, expandir nossas dores e formular as nossas reclamações.

Todos sabem que a classe atravessa uma grande crise e perseguições do patronato. Urge que a classe diga da sua justiça para que possam ser estudadas as suas reclamações pelos poderes públicos.

As comissões legalmente eleitas, vão mandar um questionário a todos os associados sobre o que temos a reclamar. Que todos os sindicados respondam imediatamente a esse questionário, para as comissões apresentarem as reclamações a quem de direito.

As comissões estão satisfeitas com a forma como a classe respondeu a uns senhores que se apresentaram, em nome de todos, a diversas entidades. Esses cavalheiros, vendo-se descobertos na sua obra de traição, procuram agora combater os direitos da classe junto de autoridades. Urge que a classe demonstre inofensivamente, a repulsa que lhe merecem tais transfusões e como não se reúne já, a classe deve responder ao questionário que se mandou sobre o assunto.

Manipuladores de Pão!
Tende energia e fé que em breve se resolverão as nossas questões.

O patronato e os transfusões tem-nos caluniado por toda a parte, mas o Sindicato nem morreu nem caiu nas suas mãos parasitárias, ao serviço da moagem.

Manipuladores de Pão—Vão funcionar as aulas de Instrução Primária, todos os antigos alunos e outros sócios que queiram, se podem inscrever imediatamente para a escola começar a funcionar na próxima semana.

Aqueles que tenham material escolar em seu poder, devem-no entregar para uma melhor reorganização dos serviços.

Comissões de Melhoramentos e Administrativa e Delegados da Classe.

Associação dos Trabalhadores Rurais de Vendas Novas.—Para nomear delegados à conferência dos Trabalhadores Rurais, que no dia 23 do corrente se realiza em Évora, reuniram-se os trabalhadores rurais de Vendas Novas. Depois de apreciar uma circular da Comissão de R. N. e D. R. nomeou um camarada para representar esta associação na conferência.

Também esta Associação abriu no dia 1.º de Novembro uma escola, para os sócios, que está sendo muito concorrida. Para manter a escola constituiu-se uma comissão que vai levar à prática algumas festas para angariar fundos com que se possa manter.

Sindicato Único dos Operários da Construção Civil.—Reuniu-se no passado dia 19 a comissão reorganizadora da secção profissional dos mecânicos em madeira, dando despacho a vario expediente e aprovando grande número de sócios.

Esperamos que todos os mecânicos cooperem com a mesma comissão que se empenha em que a secção profissional muito em breve seja um facto.

A comissão reorganizadora reúne novamente na próxima quinta-feira 27 do corrente pelas 21 horas, para tratar de convocar uma reunião magna que se realizará brevemente.

Federação Portuguesa dos Trabalhadores do Livro do Jornal e Similares. Secretariado.—Reuniu, tendo apreciado o expediente dos Sindicatos dos Compositores Tipográficos e Encadernadores de Lisboa, e Grupo D. Solidariedade Operária. Foi apreciado o mapa de contas a inserir no *Gráfico*, sendo aprovado.

Mineiros de S. Domingos.—Na reunião da assembleia geral no passado dia 9, foi aprovado o relatório e contas do Sindicato, Caixa de Solidariedade e «A Lutuos», referentes ao 3.º trimestre de 1930, nomeada em seguida a Comissão revisora das mesmas.

Lido e aprovado o relatório da Comissão mixta de mineiros de Aljustrel e S. Domingos, que no pretérito mês esteve em Lisboa, foi aprovado um voto de reconhecimento à imprensa da capital, pessoas e colectividades que acompanharam junto da Comissão as reclamações entregues ao Governo.

A Comissão que por solicitação da Empresa Mineira se avistou com os srs. gerente, sub-gerente e presidente do conselho de administração, expuseram o que nessa conferência ficou assente acerca dos despedimentos, os quais atingirão 120 operários em toda a indústria, dos que menos tempo de trabalho têm na mina.

Procedeu-se à leitura do expediente que constava de officios dos delegados da classe dando conta das suas recentes «demarches» junto do governo. Foram lidos alguns officios contendo referências ao «protesto» levado a efeito no dia 1 do corrente contra a baixa de 5 % nos salários e contra os despedimentos. Aproveitou-se a construção duma nova dependência e outros melhoramentos na sede social.

O presidente da mesa expôs no final acerca da marcha dos trabalhos da Organização Mutualista, verificando-se que o acto da Empresa baixando os salários também prejudicou grandemente esta organização.

Encadernadores e anexos.—Reuniu a Comissão Administrativa que apreciou o estado actual do Sindicato, verificando o interesse que a classe está demonstrando pelo seu organismo profissional.

Operários Tecelões de Castanheira de Pera.—Uma comissão delegada deste Sindicato acompanhada de delegados da comissão Inter-Federal de Defesa dos trabalhadores, procurou os srs. presidente do Ministério, ministros do Interior e das Finanças a fim de entregar a cada um destes senhores uma desenvolvida exposição mostrando a péssima situação em que se encontram os camaradas de Castanheira de Pera, devido ao não cumprimento da lei do horário de trabalho nesta localidade. Nessa exposição reclamava-se destes senhores para que a lei do horário ali fosse cumprida, bem como a lei de seguros sociais, que naquela localidade é desconhecida.

Não podendo a comissão ser recebida pelo sr. presidente do Governo, foi a mesma recebida por um dos secretários que ficou de entregar a referida exposição ao sr. presidente do Governo, comprometendo-se a que a resposta do referido senhor, seria transmitida para o Sindicato.

De igual modo sucedeu com o sr. ministro do Interior, que não nos podendo receber, foi, ao entanto, a comissão recebida pelo secretário, a quem a comissão expoz os motivos que ali a levaram, entregando áquele senhor identica exposição do que fora entregue ao sr. presidente do governo.

A comissão foi respondido que o pedido formulado era de toda a justiça pelo que ia fazer chegar às mãos do sr. ministro a exposição entregue, e que, decerto, providências seriam tomadas para terminar com o desrespeito da lei.

Procurou também a comissão falar com o sr. sub-secretário de Estado das Finanças, a fim de lhe entregar identica exposição. Que saibamos, nenhum resultado foi obtido dessas «demarches».

Para os mineiros

Mais uma festa de solidariedade

É hoje às 21 horas que se realiza no Salão de Festas da Caixa Económica Operária a 2.ª Récita de Homenagem aos mineiros.

O Grupo Dramático Solidariedade Operária, organizador destas festas, elaborou para essa noite um programa grandioso e atraente que decerto levará a essa festa, sobre todos os pontos de vista humana e social, grande número dos seus camaradas trabalhadores que sentem, como a comissão organizadora, o grande peso da desigualdade social que permite a presente crise.

Em primeira parte um distinto Grupo de Artistas Músicos de Lisboa realizará um grandioso concerto. Em 2.ª parte representar-se há o drama em 3 actos «Duas Causas» do reportório do grande actor Alves da Cunha, desempenhado pelo corpo scénico do Grupo Dramático Solidariedade Operária, tomando parte distintos artistas e amadores. No fim de festa tomam parte distintos artistas e amadores, contando a comissão com elementos de valor tais como, António Vitorino, da escola Araújo Pereira, da menina Branca Marques, do Lisboa Club, Artur Ferrari do Grupo Dramático Lisbonense e as distintas actrizes Emília Berardi e Militina Neves, tomando parte, no fim de festa, os amadores do Grupo Organizador. Pedimos pois a todos os trabalhadores que não falem a esta festa pois que da sua presença e colaboração depende, em parte, o êxito da bela iniciativa desse grupo de rapazes, abnegados e conscientes. A comissão pede a todos os organismos e camaradas a quem enviou bilhetes da festa já realizada, o favor da liquidação dos mesmos a fim de enviar com a máxima brevidade o produto da mesma ao seu destino. Que ninguém falte a esta festa.

MARCO POSTAL

Porto.—Serafim Monteiro da Silva.—A sua assinatura ficou paga até ao n.º 7. João Pereira Mendes Martins.—A importância de Esc. 3500 liquidou a sua assinatura até ao n.º 10.

Casablanca (Marrocos).—A César da Silva.—Agradecemos a vossa dedicação pelo jornal. Quanta à liquidação é bom fazer de 10 em 10 números, devendo agora liquidar até ao n.º 10.

Vizeu.—Manuel Gomes de Mendonça.—Tomamos na devida consideração o seu pedido. Logo que haja folhetos os remeteremos, de conformidade com os seus desejos.

Covilhã.—Francisco Alves Costa.—Recebemos a lista de assinantes e agradecemos. Estamos de acordo em que nos escreva qualquer coisa sobre o movimento social, nessa cidade.

Fanzeres - Gondomar.—Manuel Gonçalves da Silva.—Recebemos a importância de três escudos, ficando paga a sua assinatura até ao n.º 19.

Ponte-Delega.—M. H. Rijo.—Diz-nos que assinaturas pagam os cinco escudos que mandaste.

Quim Feroz (J. C.).—Apreciámos e demos merecido destino. Jornal precisa muita colaboração, mas noutro género. Procura assunto mais interessante. Indica tua direcção em Lisboa porque o jornal veio devolvido da Costa.

Povo de Varzim.—Américo Costa.—A sua assinatura ficou paga até ao n.º 10. **Sacavém.**—Afonso Silva.—Os 6500 liquidam a sua assinatura até ao n.º 20.

Ciborro.—Joaquim Bento.—A sua assinatura ficou paga até ao n.º 30. O jornal não tem secção de livraria.

Lisboa—Arnaldo de Araújo.—A sua assinatura ficou liquidada até ao n.º 10.

Montijo—F. Floriano.—A sua assinatura ficou paga até ao n.º 20.

Angra do Heroísmo—Jaime Rebelo.—Está em nosso poder a sua carta com o dinheiro para pagamento de 15 assinaturas. Agradecemos.

Coimbra—Armando Jesus Santos Martins.—Recebemos os cinco escudos, ficando a assinatura de António Augusto Martins liquidada até ao n.º 25 e a de A. Domingos até ao n.º 8.